

O Status ecológico da Arara-Azul-de-Lear (*Anodorhynchus leari*)

Pedro Cerqueira Lima*

Resumo: A arara-azul-de-lear (*Anodorhynchus leari*) foi descrita em 1856 pelo naturalista francês Bonaparte, a partir de um exemplar taxidermizado (empalhado) depositado no Museu de Paris e de outro que vivia no jardim zoológico de Anvers, na Bélgica.. Durante mais de um século, os exemplares que chegavam aos museus e zoológicos do mundo tinham origem pouco clara. Uma informação colhida em Pernambuco por Olivério Pinto que encontrou um desses exemplares numa fazenda e procedente, provavelmente, de Juazeiro, sugeria que a pátria da *A. leari* estaria localizada no baixo Rio São Francisco (Bahia). Em fins de 1978, o naturalista alemão Helmut Sick e seus discípulos Luiz Gonzaga e Dante Teixeira descobriram a verdadeira área da *A. leari*, na região conhecida como Raso da Catarina (no sertão baiano). Pesquisas posteriores revelaram que a distribuição geográfica da espécie abrangia também os municípios de Euclides da Cunha, Paulo Afonso, Campo Formoso, Curaçá e Santo Sé. Por mais de 20 anos, a população

*Cetrel S/A Empresa de Proteção ambiental do Pólo Petroquímico de Camaçari, Via Atlântica Km 9 Interligação Estrada do Coco - CEP 42810000 - Camaçari - Bahia.
Email: pedro@cetrel.

dessa espécie era estimada em 170 aves, mas os trabalhos desenvolvidos com as comunidades na área de ocorrência dessa espécie e a inclusão da comunidade nos trabalhos de pesquisa contribuiriam para a descoberta de uma nova população e de novos dormitórios e hoje a população está estimada em mais de 500 aves.

Palavras-chave: *Anodorhynchus leari*, arara-azul-de-lear

Abstract: The Leari's Macaw (*Anodorhynchus leari*) was first described in 1856 by Charles Lucien Bonaparte, a French ornithologist, using a stuffed specimen entrusted to the Museum of Paris and one bird living at Anvers Zoo, in Belgium. During more than a century, the origin of the specimens taken to museums and zoos was unclear. Information gathered in the state of Pernambuco by Olivério Pinto who found a specimen of Leari's Macaw on a farm, probably originating in Juazeiro, Bahia, suggested that the area of occurrence of the *Anodorhynchus leari* was located in the lower River São Francisco (in Bahia). By the end of 1978, Helmut Sick, a German ornithologist and his disciples Luiz Gonzaga and Dante Teixeira discovered the real country of the *A. Leari* in the region known as Raso da Catarina (in the "sertão" of Bahia). Further investigation revealed that the geographic distribution of this species also included the municipalities of Euclides da Cunha, Paulo Afonso, Campo Formoso, Curaçá and Santo Sé. Over 20 years, the population of this species was estimated in 170 birds, but the investigation developed together with the communities in the area of occurrence of this species and the cooperation of the inhabitants of such areas in these efforts contributed to the discovery of a new population and new nesting places. Today, the population of such species is estimated in more than 500 birds.

Keywords: *Anodorhynchus leari*, Leari's Macaw

O primeiro e maior grupo de *A. leari* documentado na natureza foi na Serra Branca – Jeremoabo, em 1978/1979, que reunia 21 indivíduos; em 1980 Luís Cláudio Marigo observou 36 araras às margens da rodovia Cocorobó/Jeremoabo; em 1983, Carlos Yamashita encontrou na Toca Velha, um grupo que variava de 19 a 33 aves e no mesmo local; Gonzaga e Yamashita em 1985 registraram 20 indivíduos (Sick *et al.*, 1987). Estudos realizados por Brandt e Machado em 1988

estimaram a população em cerca de 60 indivíduos (Brandt e Machado, 1990). Após a violenta seca que assolou a região em 1993, alguns pesquisadores temeram que tivesse ocorrido uma redução ainda maior na população dessas araras em decorrência das atividades de caça. De 1856, quando a espécie foi descrita, até 1978, quando a “pátria” da arara-azul-de-lear foi descoberta por Helmut Sick e sua equipe houve um longo período, exatamente 122 anos, em que informações sobre essa espécie eram inexistentes. Apenas uma informação foi divulgada, a partir de um exemplar cativo encontrado em Juazeiro, procedente da região sul do Rio São Francisco (Pinto, 1950). Muitas perguntas intrigavam os pesquisadores: Qual seria a população dessa espécie? Qual sua distribuição geográfica? Com a descoberta da verdadeira área de ocorrência da espécie por Sick, era previsível uma ação qualquer com o objetivo de estudar e conseqüentemente aplicar medidas de manejo para a preservação da espécie no Raso da Catarina. Embora o período de tempo transcorrido desde a descoberta por Sick (26 anos), muitas perguntas permanecem sem resposta, como por exemplo: Qual o efetivo da população da arara-azul-de-lear? Esforços têm sido feitos na tentativa de responder a essas e outras perguntas, mas ainda há muito a ser feito. Para maximizar os esforços até hoje empregados, seria necessário realizar censos simultâneos em todos os pontos de alimentação conhecidos e investir na procura de novas áreas de alimento e reprodução, o que incluiria o uso de rádio - transmissores do tipo satélite e foto-censos. Outra falha na história natural da espécie está relacionada à reprodução. Até o presente momento, existem dados controversos sobre as ninhadas de um a três filhotes, no entanto, nada se sabe sobre o efetivo populacional para reprodução, período de incubação, tempo de permanência dos filhotes nos ninhos etc., dados esses que só podem ser fornecidos através de pesquisas efetuadas no interior dos ninhos. Como poderemos entender a biologia reprodutiva da espécie sem realizarmos pesquisas sobre a incubação, número de ovos, tempo de permanência dos filhotes no interior do ninho, crescimento dos filhotes, índice de mortalidade dos filhotes, deficiência alimentar etc. O que sabemos sobre as araras brasileiras através de nossa experiência ou de experiências no estudo do comportamento reprodutivo de diversas

espécies de araras no Peru e Bolívia (Munn, 1995), é que essas aves não abandonam o ninho quando estão com os filhotes.

Precisamos estudar mais minuciosamente os ninhos da arara-azul-de-lear para então podermos confirmar este comportamento da espécie, o que será extremamente importante para propostas futuras de manejo em cativeiro e na natureza. Em 1997, investigando potenciais áreas de alimentação, descobrimos um novo local visitado pelas araras que nunca tinha sido visitado por nenhum pesquisador de ornitologia: a reserva dos índios Pankarares. Na época, conseguimos o apoio de dois índios e durante quatro dias percorremos a reserva indígena, seguindo as pistas sobre os locais de reprodução e as áreas de alimentação. Conseguimos observar um bando de

araras numa fazenda que faz limite com as terras indígenas. As aves eram muito ariscas, com o comportamento diferente das aves da população conhecida que permitem que as pessoas se aproximem delas. A uma certa distância, cerca de 100 metros, as aves demonstraram nervosismo e debandaram, não tendo permitido uma aproximação a menos de 300 metros. Por ocasião da descoberta, o vaqueiro da fazenda nos disse que se ele tivesse uma espingarda naquele momento, mataria certamente de uma a duas daquelas aves. Foi assim que ficamos sabendo que é muito comum as pessoas da região abaterem araras. No local onde observamos as aves, fizemos uma vistoria sob os licuris (*Syagrus coronata*), e pudemos observar uma grande quantidade de frutos ao redor, cortados pelas aves. Geralmente as araras abrem os frutos de licuri com cortes transversais perfeitos (Yamashita, 1987). Conforme já verificado por Brandt e Machado (1990) descobrimos também frutos de licuri abertos com perfeitos cortes longitudinais, junto de frutos com cortes transversais quando realizamos a expedição à reserva dos Pankarares. Entrevistando os índios Pankarares sobre a existência de araras na região e contando com o apoio do cacique Afonso, descobrimos que no passado, de 20 a 40 anos atrás (relatos de índios mais velhos), a população das araras era estimada em centenas de aves. Relataram também que os meninos indígenas tinham que ficar espantando as araras, para que elas não comessem os frutos dos licuris que, na época, faziam parte do seu cardápio alimentar.

Os índios mais velhos (acima de 80 anos) relataram a existência de ninhos de araras nas serras, localizados dentro dos limites da atual reserva indígena, e também contaram que a partir da década de 80, a população de araras tinha diminuído significativamente, embora possa ainda ser encontrada em pequenos grupos de, no máximo, 20 aves. É possível que o processo de declínio das araras já estivesse começando quando Sick descobriu a “pátria” das araras da espécie azul-de-lear e relatou que estimava a população em cerca de 60 aves (Sick *et al.*, 1987). Podem ter contribuído para o declínio da população da arara-azul-de-lear, a expansão das fazendas (eliminação de áreas de alimentação), a caça (tanto de índios, como de sertanejos) e mais recentemente, o tráfico de animais silvestres. Antes da descoberta de Sick, a arara era apenas mais um animal de caça na região. Segundo os índios Pankarares e de acordo com as mais recentes informações obtidas com nossas pesquisas de campo, ainda perdura o abate de araras na região. A influência da caça na região, tanto no Raso da Catarina, como na Reserva Indígena ainda é muito grande, sendo responsável pela redução da população de várias espécies animais, como veados, pacas, caititus, tatus, avoantes, queixada, teiú, jabutis, jibóias, jacutingas e emas (hoje extremamente raras na região, beirando a extinção). Outra influência na região é a extração clandestina de madeira. Os índios têm relatado que, semanalmente, carros de tração entram na região do Raso da Catarina, para caçar ou para extrair madeira.

Durante a pesquisa com os índios Pankarares, o cacique Afonso nos mostrou algumas fotos de seus rituais e dentre elas uma chamou a nossa atenção: um índio com seus trajes típicos, usando um cocar de penas azuis da arara-azul-de-lear. Conseguimos localizar o índio que era o autor dessa façanha. Ele nos contou que tinha abatido a arara porque tinha tido um sonho e nesse sonho ele teria que fazer um cocar com as penas daquela ave. No dia seguinte, quando estava na roça, avistou um bando de araras e usando sua espingarda, conseguiu matar uma das aves. Este é um relato recente de abate de arara-azul-de-lear pelos índios, para fins de ornamentação e de ritual. Os índios afirmam que não faz parte de sua tradição perseguir animais de penas para estas finalidades. Índios mais antigos relatam o abate de araras para

alimento e para espantá-las das plantações de milho. Outra informação interessante levantada junto aos índios Pankararés está relacionada ao declínio dos pés de licuris. Os índios Pankararés relatam que antigamente, no tempo do cangaço (jagunços fora da lei perseguidos pelos policiais), eles ficavam em uma situação muito delicada. Os policiais espancavam os índios para que lhes ensinassem a rota dos jagunços; caso o fizessem, era a vez dos jagunços os perseguir para matar. Assim, os índios sofriam uma dupla perseguição, tanto dos jagunços, como da polícia. Nesse período, os índios tinham dificuldade para obter alimento e o licuri passou a ser a sua principal fonte de alimento. Além de comer os frutos, eles cortavam os pés de licuris, retiravam a casca e moíam o tronco, deixando-o secar. Após alguns dias de secagem, batiam o tronco moído e ressecado até se tornar um pó de cor avermelhada (boré), que era utilizado como alimento. Eles até comentam que as araras competiam com eles pelo licuri. A “falta de alimento” (no caso, do fruto dos licuris) fez com que as araras buscassem fontes alternativas de alimento, sendo a principal delas, o milho (*Zea mays*). Bandos de araras são capazes de destruir totalmente as pequenas roças de milho, trazendo um enorme prejuízo para os pequenos produtores rurais. O ataque das araras nas roças de milho não agrada nada aos pequenos produtores, que as consideram, de modo geral, uma verdadeira praga, porque depois de um ataque, perdem sua lavoura e ninguém se responsabiliza pelos danos. Na área da população conhecida, os produtores toleram as araras, com medo da repressão do IBAMA e temem a prisão. Apesar disso, já foram descritos vários relatos de morte de araras pelos pequenos produtores rurais. Nas áreas onde não há fiscalização por parte do IBAMA, os produtores não toleram que as araras destruam suas plantações de milho e assim as aves estão correndo sérios riscos. Quando se trata de “falta de alimento”, é importante que se esclareça que na realidade, existe uma quantidade enorme de pés de licuri; o que está acontecendo é que as araras só freqüentam os licuris das áreas abertas (pastos) por uma questão de segurança. Existe uma infinidade de pés de licuris embrenhados na caatinga e não freqüentados pelas araras. A Fundação BioBrasil, através de convênio com o proprietário da Fazenda Serra Branca, principal local de nidificação

das araras, realizou a limpeza em redor dos pés de licuris, para aumentar a oferta de alimento perto do ponto de nidificação. Esta sugestão nos foi proposta pelo proprietário da Serra Branca, o Sr. Otávio Nolasco.

Durante o período que realizamos pesquisas no Raso da Catarina, levantamos 233 espécies de aves para a pátria da *A. leari*. Esse trabalho foi realizado em dois pontos do município de Jeremoabo e um ponto do município de Canudos. Fiúza (1999), através de um apanhado histórico e de levantamentos bibliográficos, registrou 283 espécies de aves para o bioma da Caatinga da Bahia. O nosso levantamento no Raso da Catarina equivale a 81,6% de todas as aves existentes no Bioma Caatinga da Bahia. Pacheco & Bauer (2000), registraram 347 espécies de aves para a Caatinga, comparando o levantamento da pátria da *A. leari* com o levantamento de Pacheco & Bauer, as espécies levantadas no Raso da Catarina equivale a 66,6% de todas as aves existentes nesse bioma do Brasil. Outro fato importante é que por muito tempo a população de *A. leari* estava estimada em 170 aves, e através do envolvimento da comunidade nos nossos estudos, foi possível descobrir novos dormitórios dessas aves e hoje a população esta estimada em mais de 500 aves.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bencke, G. A. & G. N. Maurício 2002. Programa de IBAs no Brasil. Fase I. Relatório Final. (Goerck, J.M., D. Wege & A. Estrada, coords) BirdLife International.

Colaço, M., T. A. Moreira, C. S. Santana & C. G. Machado 2002. As espécies de aves registradas na Reserva Indígena Pankararé, no município de Glória, Estado da Bahia. In: Resumos do X Congresso Brasileiro de Ornitologia e VIII Encontro Nacional de Anilhadores de Aves. Resumo 025, pgs. 47-48, Fortaleza, CE.

Fiúza, A. C. (1999) A avifauna da Caatinga do estado da Bahia – composição e distribuição. Texto e notas adicionais de Deodato Souza. Feira de Santana: Anor, Articulação Nordestina de Ornitologia.

Grantsau, R. 1989. Os beija-flores do Brasil. Editora Expressão e Cultura, RJ. Hilty S. L. e W. L. Brown. 1986. Birds of Colombia. Princeton University Press. Princeton, New Jersey.

Lima, P. C., S. S. Santos e R. F. C. R. Lima 2003 . Levantamento e Anilhamento da ornitofauna na Pátria da Arara-azul-de-lear (*Anodorhynchus leari*, Bonaparte, 1856): um complemento ao Levantamento realizado por |H. Sick,

L. P. Gonzaga e D. M. Teixeira, 1987. Atualidades Ornitológicas 112: 11. (disponível online www.ao.com.br)

Lima, P. C., S. S. Santos e R. F. C. R. Lima 2003. Novas informações sobre o Levantamento e Anilhamento da ornitofauna na Pátria da Arara-azul-de-lear (*Anodorhynchus leari*, Bonaparte, 1856), Bahia, Brasil. Atualidades Ornitológicas 115:3-4

Lima, P. C., S. S. Santos, R. F. C. R. Lima, O. C. Nunes e M. R. Torres 2004. Novos registros da ornitofauna na Pátria da Arara-azul-de-lear (*Anodorhynchus leari*, Bonaparte, 1856)..Destacando-se a presença de Aves da Pátria da A. Leari 277 Cabeça-seca (*Mycteria americana*, Linné, 1758). Atualidades Ornitológicas 118:6.

Lima, P. C., R. F. C. R. Lima e S. S. Santos 2004. *Coccyzus americanus* Linné, 1758 na Pátria da Arara-azul-de-lear (*Anodorhynchus leari* Bonaparte, 1856): primeiro registro para a Caatinga na Bahia, Brasil. Atualidades Ornitológicas 120:5-6.

Lima, P. C., T. N. C. L. Neto, R. F. C. R. Lima, & B. G. Pita, 2005. Novos registros da ornitofauna na Pátria da Arara-azul-de-lear (*Anodorhynchus leari*, Bonaparte, 1856). Bahia-Brasil. Destacando-se a presença da Saracura-da-praia, *Aramides mangle* (Spix,1825). Atualidades Ornitológicas 125.

Marini, A. M. & R.B. Cavalcanti 1990. Migrações de *Elaenia albiceps chilensis* e *Elaenia chiriquensis albivertex* (AVES: TYRANNIDAE). Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, série Zoologia 6(1): 55-64.

Munn, C. A. 1995. Lears macaw: A second Population Confirmed. Psitta Scene, Vol 7 N. 4. Pp. 1-3.

Pacheco, J. F. e C. Bauer 2000. As aves da Caatinga – Apreciação histórica do processo de conhecimento. In: Workshop Avaliação e identificação de ações prioritárias para a conservação, utilização sustentável e repartição de benefícios da biodiversidade do bioma Caatinga. Documento Temático, Seminário Biodiversidade da Caatinga, Petrolina.

Pinto, O. M. O. (1978). Novo Catálogo das aves do Brasil. Primeira Parte. São Paulo: Empr. Gráf. Revistados Tribunais.

Reynolds, M. 1998. Lears Macaw, some history, the current situation, and proposals for its preservation. Psitta Scene Vol. 10, N. 4. Pp. 2-4.

Sick, H., L. P. Gonzaga & D. M. Teixeira 1987. A arara-azul-de lear, *Anodorhynchus leari* Bonaparte, 1856. *Revista Brasileira de Zoologia* 3(7):441-463.

Sick, H. 1997. *Ornitologia Brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira. Silva, J. M. C. Silva, M. A. Souza, A. G. D. Bieber e C. J. Carlos 2003. Aves da Caatinga: status, uso do habitat e sen sitividade. In: *Ecologia e Conservação da Caatinga*. Leal, I. R., M. Tabarelli e J. M. C. Silva (Orgs.) Recife. Editora Universitária da UFPE. 822 p. Aves da Pátria da A. Leari 278

Teixeira, D. M., R. Otoch, G. Luigi, M. A. Raposo & A. C. C. Almeida 1993. Notes on some birds of northeastern Brazil (5). *Bull. Brit. Orn. Cl.*, 113(1):48-52.